Revista Comunicação Universitária

ALFABETIZAÇÃO DE ESTUDANTES COM TRANTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO DURANTE O PERÍODO DA PANDEMIA DE CORONA VÍRUS

ALFABETIZACIÓN DE ESTUDIANTES CON TRANSTORNO DEL ESPECTRO AUTISTA DURANTE EL PERÍODO DE PANDEMIA CORONA VIRUS

Barbarela Karina Cardoso Hage[*] e Ana Telma Monteiro de Sousa[**]

RESUMO

A pandemia de corona vírus trouxe desafios significativos para a alfabetização de estudantes autistas, destacando a necessidade de adaptações educacionais e suporte adicional. O presente estudo objetivou investigar quais estratégias metodológicas de alfabetização foram utilizadas com estudantes que apresentam o Transtorno de Espectro Autista no contexto de pandemia, onde adotou-se o ensino remoto. Trata-se de um estudo de caso exploratório, com abordagem qualitativa, para a interpretação e análise dos dados foi utilizado a análise de conteúdo baseados em Bardin (1997,2011) e em Oliveira e Mota Neto (2011) para interpretação e sintetização dos resultados. O estudo evidenciou a ausência de estratégias metodológicas baseadas em evidências científicas para a alfabetização de estudantes com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) nas aulas remotas. Nenhuma das práticas observadas ou relatadas pelos participantes apresentou fundamentação científica comprovada, evidenciando uma lacuna significativa na adoção de abordagens pedagógicas eficazes e embasadas para esse público. Pode-se considerar que a presente pesquisa teve limitações e dificuldades na obtenção de um maior número de sujeitos participantes, no entanto, o estudo alcançou o objetivo proposto ao evidenciar que os docentes utilizaram como estratégia de alfabetização recursos tecnológicos, sem desapegar de antigas metodologias utilizadas antes do ensino remoto.

Palavras-chave: Alfabetização. TEA. Pandemia. Corona vírus.

[*] Especialista em TEA pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Pesquisadora Autônoma, Membro do Grupo de Pesquisa: Núcleo de Estudos e Extensão, Trilhas Investigativas Práticas Sociais (UEPA) -, Belém, Pará, Brasil. Endereço para correspondência: Passagem São Paulo, 3c, Ananindeua, Pará, Brasil, CEP: 67035-450. E-mail: barbarelakarina@gmail.com.
ORCID: https://orcid.org/0009-0004-3835-0740. Lattes: https://lattes.cnpq.br/1132672396894270.
[**] Doutora em Gestão Educacional pela Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro – UTAD - Portugal. Coordenadora e Membro do Núcleo de Estudos e Extensão, Trilhas Investigativas Práticas Sociais – NETRILHAS. Professora Adjunta da Universidade do Estado do Pará (UEPA), Belém, Pará, Brasil. Endereço para correspondência: Rua Pariquis Nº 481, Jurunas, Belém, Pará, Brasil, CEP:66030690. E-mail: anatelmasousa@gmail.com.
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2207-8306. Lattes: http://lattes.cnpq.br/1060944437243632.

RESUMEN

La pandemia de coronavirus ha planteado importantes desafíos a la alfabetización de los estudiantes autistas, destacando la necesidad de adaptaciones educativas y apoyo adicional. El presente estudio tuvo como objetivo investigar qué estrategias metodológicas de alfabetización se utilizaron con estudiantes que tienen Trastorno del Espectro Autista en el contexto de una pandemia, donde se adoptó la enseñanza remota. Se trata de un estudio de caso exploratorio, con enfoque cualitativo, para la interpretación y análisis de datos. , se utilizó el análisis de contenido basado en Bardin (1997,2011) y Oliveira y Mota Neto (2011) para interpretar y sintetizar los resultados. El estudio destacó la ausencia de estrategias metodológicas basadas en evidencia científica para la alfabetización de estudiantes con Trastorno del Espectro Autista (TEA) en clases remotas. Ninguna de las prácticas observadas o informadas por los participantes tenía una base científica comprobada, lo que destaca una brecha significativa en la adopción de enfoques pedagógicos eficaces y fundamentados para esta audiencia. Se puede considerar que la presente investigación tuvo limitaciones y dificultades para obtener un mayor número de sujetos participantes, sin embargo el estudio logró el objetivo propuesto al demostrar que los docentes utilizaron los recursos tecnológicos como estrategia de alfabetización, sin dejar de lado viejas metodologías utilizadas antes de forma remota.

Palabras clave: Alfabetización. TEA. Pandemia. Corona virus.

1 INTRODUÇÃO

Ler e escrever ao longo dos anos tornou-se um fenômeno intrínseco a nossa cultura, a cultura letrada, onde o domínio do código alfabético permeia as práticas e relações sociais. De forma que a escrita é mais que um ato motor, assim como a leitura não é mera decodificação de palavras. O processo alfabetizador já não se pauta mais em cartilhas prontas que almejam uma mera decodificação de sílabas. Alfabetizar é introduzir o estudante as práticas de sua cultura, é atribuir sentido e significância ao contexto no qual este pertence (Silva, 2024).

Para destacar a relevância e impacto da alfabetização, bem como para atender os índices de analfabetismo acentuados, no Brasil o governo federal lançou em 2012 o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), o qual definiu um ciclo de alfabetização, dentro do currículo da educação básica, onde a alfabetização passou a ser um dos focos principais destes ciclos, que se entende do 1ºano/9 ao 3ºano/9 do ensino fundamental. Já a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) atualmente estabelece que a alfabetização deve ser concluída até o 2º ano/9. Essas diretrizes destacam a necessidade de estratégias e formação adequada para os professores alfabetizadores, a fim de promover o desenvolvimento das competências de alfabetização.

Partindo desta premissa o processo alfabetizador como mencionado tem seu devido papel de destaque no que tange a inserção na cultura letrada em que vivemos, contudo, por ser um processo que possui impacto no contexto dos estudantes, quando este, passa por transformações premeditadas o processo alfabetizador pode também ser indiretamente afetado. Desta forma é levantada a pauta da situação emergência nos mais diversos setores sociais ocasionados pela pandemia de Covid-19, mais especificadamente discorreremos acerca do impacto deste vírus na educação e seus processos, tal qual o processo de alfabetizar os estudantes dos ciclos do ensino 1º ano ao 3º ano do ensino fundamental.

Por volta do segundo semestre do ano de 2019, alguns países acenderam sinais de alerta para uma possível contaminação com potencial pandêmico, o vírus de Covid-19, que se alastrou pelos países europeus rapidamente. Em meados de março de 2020, já havia casos de contaminação no Brasil. No Estado do Pará, no mesmo período, as escolas foram uma das primeiras instituições a fecharem as portas e iniciar o isolamento social como medida de prevenção. Neste cenário, apenas os serviços considerados essenciais foram mantidos.

Uma vez ocorrida a suspensão das aulas presenciais, o formato educacional como o conhecemos passou por um processo de reorganização, desta forma, diante da reestruturação

educacional, pôde-se perceber o movimento de transposição do modelo de educação presencial como o conhecemos, para um contexto educativo remoto, fazendo com que docentes e alunos passassem por um período de desafios e adaptações. Diante desta situação, está pesquisa teve como objeto de estudo a alfabetização de estudantes com TEA (Transtorno do Espectro do Autismo) durante o período de pandemia. Este trabalho é fruto do requisito para a obtenção de grau de especialista em Transtorno do Espectro do Autismo, no programa de pós-graduação da Universidade do Estado do Pará (UEPA), esta apresentou como objetivo: investigar quais as estratégias metodológicas de alfabetização foram utilizadas com estudantes com TEA no contexto de pandemia de Covid-19. Os anos de referência da pesquisa foram os anos de 2020 e 2021.

Para Mainardes (2021), a pandemia atingiu a todos os estudantes, sem distinção. Atingindo de forma mais intensa os estudantes na fase da alfabetização, sejam crianças, jovens ou adultos, pois o fato de ainda não terem a autonomia para leitura e escrita traz limitações grandes e o processo de alfabetização requer uma mediação intensa e apropriada.

No entanto, o afastamento das salas de aulas físicas, não reduziram as necessidades dos educandos, sobretudo aqueles com transtornos e dificuldades de aprendizagem. Em se tratando destes sujeitos, atribuímos destaque aos estudantes com TEA o qual de acordo com o DSM-V, este transtorno "apresenta como principais características, prejuízos significativos na comunicação social recíproca, interação social, apresentando padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses ou atividades" (American Psychiatric Association, 2013. p. 94). Desta forma e elencando como foco o processo de alfabetização, o contexto pandêmico vivenciado poderá ter afetado as práticas pedagógicas centradas no processo de alfabetização destes educandos?

A relevância social desta temática ganha ênfase ao tratar da alfabetização e letramento como uma ferramenta utilizada nas práticas sociais e suas implicações no processo de desenvolvimento de habilidades sociais das pessoas com TEA.

Diante disto, este estudo tem por objetivo investigar quais as estratégias metodológicas de alfabetização foram utilizadas com estudantes que possuem TEA no contexto de pandemia de Covid-19.

2 TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO E ALFABETIZAÇÃO

Compreender o estudante com TEA e suas características é essencial no processo de inclusão deste individuo nos processos educacionais. Neste sentido, é importante considerar as dificuldades relacionadas a interação social, característica do transtorno e como esta pode afetar o desenvolvimento escolar do estudante com TEA, reforçando a necessidade de se estabelecer planejamentos e estratégias voltadas para a aprendizagem deste estudante. Para Arruda, Castro; Barreto (2020):

> Assim, no âmbito educacional, a inclusão se refere à participação do aluno em todas as esferas educacionais e ao compromisso da instituição em proporcionar atividades que contribuam para o seu pleno desenvolvimento, o que inclui preparar o docente para receber, acolher e orientar este aluno, o que perpassa por ações de apoio da IES. (Arruda, Castro; Barreto, 2020, p.2).

Desta forma, compreender os paradigmas da inclusão e seus desdobramentos na educação são trajetos necessários na garantia de uma educação de qualidade e com recursos necessários, promovendo uma educação inclusiva, antagônica ao modelo de integração, modelo educacional fortemente criticado pela contemporaneidade por sua abordagem pautar-se em não respeitar as necessidades educacionais de estudantes com deficiências.

O desconhecimento traz consequências diretas na educação de estudantes com TEA, pois, para intervir, criar recursos e estabelecer práticas educativas que promovam a aprendizagem destes estudantes, na perspectiva inclusiva, é fundamental que os profissionais da educação tenham conhecimento sobre o assunto, possam construir uma prática inclusiva e esclareçam mitos e dúvidas. (Vicari; Rahme, 2020). Para Oliveira (2020):

> O professor deve desenvolver metodologias de aprendizagem para que o aluno autista consiga se comunicar e se desenvolver. O conteúdo do programa de uma criança autista deve estar de acordo com seu desenvolvimento e potencial, de acordo com a sua idade e de acordo com o seu interesse; o ensino é o principal objetivo a ser alcançado, e sua continuidade é muito importante, para que elas se tornem independentes. (Oliveira, 2020, p.3).

Para Silva (2021) a palavra possui um papel importante nas interações interpessoais, uma vez que possibilita à criança mobilizar as pessoas em torno de si, pode-se depreender a significância de tal no contexto comunicativo de uma criança com TEA. Nas palavras da autora:

> A linguagem permite a mudança das relações externas em internas. A palavra permite que a criança alcance os objetos e mobilize pessoas em torno de si; posteriormente, os processos de aprendizagem evoluem e se tornam mais complexos. Essas ações

> interiores mais complexas, chamadas de operações intelectuais, dão origem à formação de conceitos. (Silva, 2021, p. 5)

No que tange o processo de alfabetização, se faz necessário compreender suas significâncias na vida do educando. Para Freire (1979):

> A alfabetização não pode se fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto, somente ajustado pelo educador. Esta é a razão pela qual procuramos um método que fosse capaz de fazer instrumento também do educando e não só do educador. (Freire, 1979.p.72).

Adverso ao modelo de educação bancária que trata o educando como um mero receptor de ideias, Paulo Freire (1979) destaca a importância do próprio sujeito no seu processo de alfabetizar-se, sendo este um participante ativo e importante, para que alfabetizar não seja apenas a codificação de palavras, mas sim um fenômeno pelo qual o estudante torna-se capaz de compreender o mundo ao seu redor por meio das palavras e como as mesmas, estão diretamente relacionadas em todos os aspectos da sua vida cotidiana.

3 O PROCESSO ALFABÉTICO EM CONTEXTO PANDÊMICO

Quando a pandemia se alastrou, culminando no fechamento total de escolas e demais serviços presenciais, isso simbolizou uma perda de uma rede de apoio composta por professores e terapeutas, afetando os estudantes com TEA e suas famílias (Daulay, 2021; Latzer et al., 2021). Para Neece et al. (2020) com o fechamento dos serviços educacionais, uma responsabilidade maior foi depositada sobre os pais dos estudantes com TEA, os quais passaram a atuar como professores, enquanto lidavam com as demais demandas de emprego, serviços domésticos e outras responsabilidades. Os autores sugerem também que os efeitos psicológicos da quarentena, incluíram sintomas de estresse, confusão, raiva, frustração colaborando ainda mais com a pressão que estas famílias já estavam lidando.

Para Corell-Almuzara et al. (2021), mesmo com o avanço das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), a situação pandêmica colocou em evidência a ausência de conhecimento sobre o uso de recursos digitais e inabilidades para utilizar plataformas educacionais a que a sociedade contemporânea tem acesso. A falta de conhecimento na área tecnológica pode ser a razão da limitação de competências em matéria digital demonstrada por professores e alunos, resultando na dificuldade de migrar do ensino presencial para o remoto.

Em meados de março de 2020, foi decretado o isolamento social, medida adotada por conta dos crescentes casos de Covid-19 no estado. Por conta desta iniciativa, as escolas fecharam as portas e professores e alunos estavam em casa. Foi neste contexto diante do colapso causado pela doença que se iniciou, de forma emergencial, iniciativas educacionais com o intuito de manter funcionando as engrenagens propulsoras da educação. Desta forma, o ensino não presencial ganhou palco e tornou-se uma das medidas realizadas durante o processo pandêmico, estratégia que possibilitou ampliação da educação para minimizar possíveis atrasos. Para Cordeiro (2020):

> Nesse sentido, as adaptações ao mundo digital ocorreram nas redes públicas e nas redes particulares de ensino, através da utilização de aplicativos de videoconferência, redes sociais e até mesmo a adaptação para a modalidade de Educação a Distância (EAD) através da criação de ambientes virtuais de aprendizagem (AVA). (Cordeiro, 2020)

Dentro do novo cenário educacional, quais seriam as (im) possibilidades para os estudantes com TEA? O então mencionado ensino remoto, que se apoiou em recursos digitais requer elementos para que seja eficiente, pois o estudante que outrora estava em sala de aula, junto ao professor e todos os recursos que lhe possibilitaria mais produtividade em termos de concentração, atenção sustentada e interação agora está em casa frente a uma tela, mediadora do seu contato com aquele que lhe transmitirá determinado ensinamento.

Com o contexto pandêmico vivenciado, a educação necessitou adotar novas vertentes de ensino, utilizando-se de estratégias pautadas em mídias digitais em formato de ensino remoto. Desta forma, compreendendo que o processo de estímulos de aprendizagens é contínuo, a fim de que a educação cumpra seu papel de possibilitar o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Brasil, 1996).

Com a pandeia de Covid-19 e as transformações ocasionadas por tal, os processos educativos se viram inclinados a mudar suas práticas. Para Cordeiro (2020):

> Durante o período de isolamento social, muitas instituições adotaram o ensino remoto, no qual os educadores tiveram que adaptar seus conteúdos para o formato online. Essas atividades online direcionadas aos alunos, apesar de todos os seus desafios e entraves, são cruciais para minimizar os prejuízos do período na ausência das aulas presenciais. (Cordeiro, 2020, p. 2).

Contudo é importante pensarmos em como o processo de alfabetização se dá neste contexto, em se tratando de educandos com Transtorno do Espectro do Autismo, uma vez que pode haver o comprometimento de aspectos e habilidades essenciais para estabelecer um meio

de comunicação, via ferramentas digitais. De forma que adotado um formato digital de ensino aos docentes recai o papel de adaptar-se aos mecanismos deste modelo de ensino de forma que nas palavras de Marques e Marques (2021):

> As técnicas de ensino dentro dos recursos digitais na relação docente e discente exigem do professor atualizações continuadas dentro dos processos epistemológicos e pedagógicos de ensino. Cabe ao educador reconhecer suas limitações e buscar dentro de suas possibilidades se familiarizarem com recursos que podem ser utilizados em seu método de ensino em sala de aula, além disso, buscar informações possíveis a complementar a troca de saberes entre colegas de profissão e, por vezes, alternar o método de ensino com intenções de avaliar a familiaridade dos discentes no processo de transmissão de conhecimento. (Marques, J., 2021, p 4).

Compreende-se o impacto social da alfabetização e pode-se atentar para sua significância no processo de inclusão social do estudante com TEA, bem como a base estrutural que a apropriação deste processo pode lhe possibilitar em relação aos demais eixos do currículo educacional.

4 METODOLOGIA

Na construção metodológica da pesquisa, foram adotados como procedimentos metodológicos: 1) levantamento bibliográfico; 2) entrevistas, realizadas via formulário eletrônico com roteiros de perguntas abertas e fechadas; 3) sistematização dos dados; 4) construção das categorias de análise e categorias temáticas; 5) analise crítica, pautada na análise de conteúdo. Sua contribuição para interpretação e descrição do conteúdo de pesquisa, foram construídas categorias de análise segundo Bardin (2011).

O método de pesquisa adotado é método crítico-dialético. O paradigma dialético é uma epistemologia que se baseia em alguns pressupostos considerados pertinentes à condição humana e às condutas dos homens (Severino, 1941). Para Lakatos et al. (1996), o método dialético penetra o mundo dos fenômenos através de sua ação reciproca, da contradição inerente ao fenômeno e da mudança dialética que ocorre na natureza e na sociedade.

Inicialmente o lócus deste estudo eram escolas privadas de Belém, cujo critério de escolha justificou-se por conta do maior acesso aos recursos tecnológicos necessários durante o ensino remoto, no entanto com o avanço da pandemia e fechamento total das instituições de ensino a pesquisa ocorreu de forma eletronica somente com professores. Foram distribuídos 10 formulários eletrônicos, em duas escolas A e B, para docentes atuantes no 1º ano/9 que

apresentavam em suas turmas alunos com TEA em processo de alfabetização, 5 docentes perteciam a escola A e os outros 5 a escola B, a escolha deste grupo de docentes se deu em razão da maior ênfase na alfabetização que há neste ciclo do ensino. Por conta do distanciamento social vigente, não foi possível adotar um modelo de entrevista mais direta.

Para a produção de dados foi utilizado um roteiro de pesquisa, com aplicação de questionário. A coleta se deu de forma online. Segundo Lakatos (2006), o questionário é um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador.

Para analisar os dados obtidos, a técnica utilizada foi análise de conteúdo, a qual para Bardin (2011), o termo análise de conteúdo designa:

Nesta pesquisa, ocorreu definição de categorias iniciais de análise, baseadas em Bardin (2011) as quais são essenciais para a fundamentação da estruturação das discussões abordadas. Abaixo encontra-se a ilustração das categorias iniciais:

Figura 1: Categorias analíticas iniciais:

Fonte: elaborado pela autora (2022)

Como demonstrado na ilustração, estas eram as categorias iniciais de análise, as quais sustentaram o processo investigativo deste estudo. De acordo com Oliveira e Mota Neto (2011):

> O processo de sistematização e a análise na pesquisa em educação consistem em uma ação de organização lógica dos dados coletados, viabilizando uma estrutura organicamente integrada. A partir das categorias de análise construídas é possível ao pesquisador refletir criticamente sobre a análise das informações obtidas na investigação (Oliveira; Mota Neto, 2011, p. 121).

Para dar início ao processo de análise crítica, primordialmente se fez necessário um processo de sistematização, o qual possibilitou a criação das categorias temáticas trazidas para a discussão, elencadas por seu caráter emergente nas temáticas debatidas. Estas categorias possibilitam maior organização além de maior diversidade dos dados coletados, tornando assim sua interpretação mais facilitada (Oliveira; Mota Neto, 2011).

Abaixo, encontra-se a ilustração das categorias temáticas oriundas das informações obtidas na investigação:

Figura 2 - Categorias temáticas

Fonte: elaborado pela autora (2022)

Para atender a Resolução n.º 466/2016, que dispõe sobre a pesquisa com seres humanos, foi solicitado aos sujeitos que assinassem o termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

5 ANÁLISE E RESULTADOS

Uma vez afastados do cotidiano escolar típico, professores e estudantes necessitaram de esforços múltiplos, a fim de atingir os objetivos próprios da educação, dentre os quais este estudo destaca a alfabetização, processo que vai além da escrita, pois alfabetizar é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a leitura e escrita tenham sentido e façam parte da vida do aluno (Soares, 2003). Longe das salas de aula e com as já mencionadas transformações do modelo educacional, damos destaque a figura do estudante com autismo e considerando suas características e estilo de aprendizagem, o qual pode ser distinto para cada indivíduo, mesmo aqueles com o mesmo transtorno, buscou-se analisar as estratégias metodológicas de alfabetização durante este contexto de pandemia de Covid-19.

As categorias iniciais de análise que impulsionaram o processo de investigação foram três: Perfil dos Sujeitos, Alfabetização e TEA. Os resultados apresentados foram organizados em duas categorias temáticas (Bardin, 2011) oriundas da codificação realizada durante a análise dos dados. São elas: TEA e Ensino remoto na Pandemia: Possibilidades e Limitações e Recursos Didáticos.

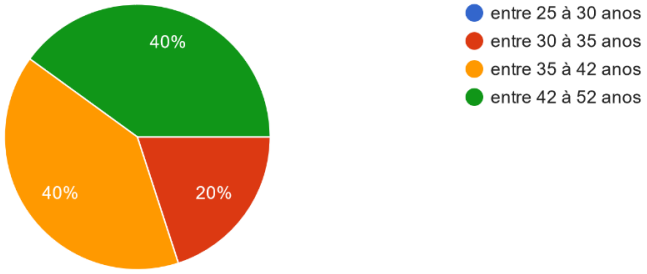
5.1 CATEGORIAS INICIAIS DE ANÁLISE

5.1.1 PERFIL DOS SUJEITOS

O público entrevistado corresponde a docentes do 1° ano/9 da rede de ensino privada, cujo critério de inclusão consistia em apresentar aluno (s) com TEA em sua classe, dos 10

formulários distribuídos em duas escolas, somente 5 foram respondidos, 3 professores eram da escola A e 2 da escola B. O perfil dos entrevistados apontou em 100% a predominância do gênero feminino. Já em relação à faixa etária dos docentes entrevistados, constatou-se a dominância da faixa etária de 35 a 42 anos, exemplificada no gráfico 2 abaixo:

Gráfico 2 : Perfil dos Sujeitos: Idade



Fonte: Google Forms (2022)

Portanto a fim de cumprir com os termos éticos da pesquisa com humanos, os nomes dos docentes não foram citados.

5.1.2 ALFABETIZAÇÃO

Este estudo ancorou-se no pensamento Freireano acerca da alfabetização, onde segundo o autor:

> A alfabetização é a criação, ou a montagem da expressão escrita da expressão oral. Esta montagem não pode ser feita pelo educador para ou sobre o alfabetizando aí tem ele um momento de sua tarefa criadora (Freire, 1989).

Na concepção de Freire, as palavras devem ser criadas e não “doadas”, simbolizando o papel ativo do sujeito alfabetizando na descoberta das palavras e que estas por sua vez precisam ser coerentes para o mesmo, pois este alfabetizando é o sujeito, e não o objeto de sua alfabetização.

Portanto alfabetizar transpassa a simplicidade de ler e escrever palavras, alfabetização é fenômeno pelo qual o indivíduo pode perceber sua realidade, compreender a transposição da oralidade, atribuindo significância ao contexto no qual está inserido.

Foram suporte estrutural desta construção os discursos de Soares (2005) e Santos (2018) acerca da alfabetização caracterizando-a como um processo de extrema significância no ato de descoberta do mundo pelo sujeito.

5.1.3 TEA

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) como é definido pelo Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) consiste em um transtorno do neuro desenvolvimento, que afeta diretamente as habilidades de comunicação e interação social. A trajetória das pessoas com TEA é eminentemente extensa, em que se pode mencionar diversos embates vivenciados por estes sujeitos e suas famílias, desde a ausência de direitos, negação e exclusão por parte dos sistemas de ensino.

De acordo com uma projeção realizada por Vieira (2022), a partir de dados atualizados do Centro de Controle de Doenças e Prevenção (CDC), há em média no mundo 184 milhões de pessoas autistas, no Brasil são 4,84 milhões, no estado do Pará são 202 mil pessoas com TEA, em transposição de prevalência na razão de 2,3%.

5.2 CATEGORIAS TEMÁTICAS

5.2.1 ENSINO REMOTO NA PANDEMIA: POSSIBILIDADES E LIMITAÇÕES

Vivenciamos uma era marcada pela transformação digital, assinalada por rápidas transformações e a educação não ficou de fora deste processo, o uso das ferramentas digitais possuíra um papel essencial durante o afastamento social, oriundo do contexto pandêmico, pois foi por meio deste aparato que docentes e aprendentes mantiveram suas relações de ensino e aprendizagem. Conforme relatos dos professores abaixo relacionados podemos analisar como foi realizado o contato com os estudantes com TEA:

> *Por meio de grupo no Whatsapp (Prof 1 e Prof 2).*
>
> *Através de aulas online (Prof 3).*
>
> *Através da rotina enviada aos pais através do grupo WhatsApp, pois pela aula online, não havia interesse e concentração (Prof 4).*
>
> *Aplicativos de mensagens / Materiais impressos (Prof 5).*

Todavia, é possível observar que o uso de aplicativos de mensagens ganhou ênfase neste novo cenário, atribuindo a este recurso novas possibilidades. No entanto, deve-se enfatizar as possíveis barreiras enfrentadas pelos alunos com TEA em relação a este formato de ensino,

uma vez que o transtorno pode em alguns casos apresentar comorbidade, como um déficit em determinadas funções executivas. De acordo com Marques e Marques (2021):

> Na literatura diversos autores já se dedicaram a estudar o papel da tecnologia educacional no ensino baseado nas diversas modalidades educacionais e, agora, tem nos desafios impostos pela COVID-19 levar mesmo que de forma temporária a adaptação do ensino presencial a diversas instituições de ensino com intenções de manter às funções cognitivas das garantias efetivas do ato de ensinar e, garantir os cuidados necessário (Marques et al.2021).

Abaixo segue alguns relatos dos docentes entrevistados, ao serem questionados se houve dificuldades relacionadas ao processo de alfabetizar os estudantes com TEA remotamente:

> *Sim. Alguns alunos, apresentaram dificuldade de acesso à tecnologia. O apoio familiar na execução das atividades em casas e ausência na busca do material na escola. Foi necessária uma busca ativa desses alunos (Prof 1).*
>
> *Sim, pois com o distanciamento tudo ficou mais difícil, levando. Consideração que o contato com esse público é de suma importância (Prof 2).*
>
> *O aluno conseguia acompanhar o conteúdo proposto (Prof 5).*

A escola, o professor e a educação precisaram se re-fazer, no entanto não foi possível ao estudante com autismo suprimir suas características, dificuldades como também certas inabilidades provenientes do transtorno, para que o ensino remoto pudesse-lhe garantir que não houvesse perdas ou atrasos cognitivos com relação aos processos de alfabetização. Dada as dificuldades comunicativas do transtorno apresentou determinados desafios, como demonstra o relato de alguns dos docentes entrevistados, acerca das dificuldades de alfabetizar seus alunos com TEA, por meio de ensino remoto, utilizando-se de recursos tecnológicos:

> *Não se adaptaram os chamados de vídeo então tive que enviar atividades para eles fazerem em casa com a ajuda dos pais que gravavam a atividade e enviavam, mas o contato com os alunos foi pouquíssimo (Prof 3).*
>
> *O fato de ministrar aulas online, foi difícil, porque a criança não se concentrava, precisa ser presencial (Prof 4).*
>
> *A pandemia foi um fator negativo, pois houve uma quebra no aspecto cognitivo, afetivo e motor, pois a criança ficou bastante ociosa, não conseguiu dar continuidade ao processo de aprendizagem (Prof 1).*

Compreende-se a singularidade de cada estudante com TEA e entende-se os desafios do processo de alfabetização, no entanto, é possível identificar a pouca eficiência de alcançar

tal objetivo por meio de um ensino distanciado, pois no processo de alfabetização se faz essencial que possa ter uma participação ativa do estudante e uma mediação participativa do professor.

5.2.2 RECURSOS DIDÁTICOS

Conforme os discursos analisados dos docentes entrevistados, estes foram os materiais didáticos utilizados para alfabetizar os educandos com TEA:

> *Kits de atividades manuscritas e impressas. Grupos de Whatsapp e atendimento presencial individualizado. (Prof 3).*
>
> *Primeiramente realizei atividades diagnósticas, para entender o nível de alfabetização que se encontravam meus alunos, quais eram as facilidades e dificuldades desses alunos e a partir do resultado fazer intervenções mais direcionadas" (Prof 1).*

Entende-se a importância de fornecer múltiplas maneiras de aprender algo, uma vez que tal estratégia de ensino possibilita ao educando alcançar sucesso no ensinamento proposto por meio da ação, ou expressão que contempla seu estilo cognitivo de aprendizagem. Abaixo segue o relato dos docentes entrevistados acerca de seus métodos alfabetizadores:

> *Utilizo muito a metodologia Montessoriana, a qual conheci na época de graduação e fui aprimorando ao longo da carreira" (Prof 2)*
>
> *Jogos, atividades impressas. Não me baseio em métodos (Prof 3).*
>
> *Utilizo bastante recursos onde a criança possa executar por meio de sucatas, revistas usadas, rótulos... Tenho referências de Paulo Freire, Piaget, Emília Ferreira (Prof1).*
>
> *Através da minha vida acadêmica, estudei vários teóricos, capacitei-me também, pois sempre proporciono aulas onde a criança possa vivenciar o uso de sucata, rótulos, fazendo uma busca entre sua maturidade e os estímulos utilizados. Apresentar o lúdico direcionado é uma forma eficaz para realizar uma aprendizagem significativa. (Prof 4)*
>
> *Uso de material impresso, com análise de textos e cartográfica; materiais audiovisuais; quadro branco e livro didático. Filosofia de Paulo Freire, recomendada pela secretaria de educação (Prof 1).*
>
> *Sua filosofia baseia-se no diálogo entre professor e aluno, procurando transformar o estudante em um aprendiz ativo. Ele defende uma educação que incentive a criticidade do aluno, indo além do mero conteúdo. Suas ideias também possuem ligações com o pensamento marxista e críticas ao capitalismo. A secretaria de educação à qual estou vinculada, recomenda e orienta o uso dessa filosofia (Prof 5).*

A pessoa com TEA pode apresentar três níveis de suporte, onde no nível 1 a pessoa com TEA necessidade de pouco apoio, no nível 2 a pessoa com TEA precisa de apoio substancial, já no nível 3 a pessoa com TEA precisa de apoio muito substancial, para realizar suas atividades.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se com este estudo, o qual teve por propósito: investigar quais foram as estratégias metodológicas utilizadas pelos docentes para alfabetizar os estudantes com TEA durante a pandemia de Corona vírus, que as ferramentas tecnológicas desempenharam um papel fundamental durante a pandemia, bem como foi possível depreender que mesmo diante de múltiplos esforços, tanto de professores como dos estudantes com TEA e suas famílias.

O processo alfabetizador ainda esteve envolto de muitos desafios e barreiras ocasionadas pelo distanciamento social que obrigou estes indivíduos a se adaptarem a um novo modelo de educação. Este apontamento não infere que estes alunos não podem aprender, ou de serem alfabetizados por tais estratégias, tão pouco sugere que houve ineficiência dos docentes, mas salienta que a crise vivenciada afetou a todos em instância emocional, física, profissional.

O contexto de morte e vida precisou ser considerado ao se fazer qualquer inferência aos déficits ocasionados durante o processo pandêmico. Foi desafiador ser professor durante este contexto, pois docentes precisaram transformar suas casas em salas de aulas, tiveram que reinventar suas práticas, adotar novas posturas, a fim de conseguir atingir seus alunos, ministrando aula com constantes interrupções de barulhos de panelas, obras, equipamentos sonoros, entre outros aparatos que competiam com sua aula.

Desta forma, ser estudante durante a pandemia de Covid-19 também foi desafiador, ser estudante com TEA pode ter sido extremamente desafiador, pois as mesmas interrupções que competiam com a aula ministrada, competiam veemente com os esforços e habilidades que estes estudantes necessitavam para conseguir ficar quatro horas em frente a uma tela, assistindo um vídeo, ou realizando uma tarefa. O quão árduo foi obrigar-se inesperadamente a superar suas inabilidades de atenção, concentração, bem como as dificuldades comunicativas. O quanto pode ter sido estressante para aqueles com rigidez do pensamento e apego a rotinas compreender que sua casa havia se tornado uma escola e que seu encontro com seus professores seria por intermédio de uma tela.

O estudo evidenciou a ausência de estratégias metodológicas baseadas em evidências científicas para a alfabetização de estudantes com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) nas aulas remotas. Nenhuma das práticas observadas ou relatadas pelos participantes apresentou fundamentação científica comprovada, evidenciando uma lacuna significativa na adoção de abordagens pedagógicas eficazes e embasadas para esse público. Os docentes entrevistados demonstraram ainda ter dependência de atividades impressas no ensino remoto, como recurso didático, de forma que mesmo com a utilização da tecnologia, sua abordagem educacional permaneceu como na sala de aula, com recursos que de certo modo exigiam sua presença física para execução.

Pode-se considerar que a presente pesquisa teve limitações e dificuldades na obtenção de um maior número de sujeitos participantes, no entanto considera-se que o estudo alcançou o objetivo proposto ao evidenciar que os docentes utilizaram como estratégia de alfabetização recursos tecnológicos, para ter contato com seus estudantes, sem desapegar dos recursos utilizados nas salas de aula antes da pandemia de Covid-19. Este estudo tem sua relevância evidenciada ao demonstrar a importância da alfabetização dos estudantes com TEA , como uma ferramenta valiosa para superar os desafios da comunicação , sem deixar de chamar atenção para os possíveis desdobramentos negativos, em se tratando de desenvolvimento da aprendizagem, que a pandemia pode ter ocasionado nos estudantes, não somente com o Transtorno do Espectro do Autismo, como em todos os estudantes que tiveram sua aprendizagem, de certa forma, interrompida pela situação emergencial.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders: DSM-5**. 5. ed. Washington, DC: American Psychiatric Association, 2013.

ARRUDA, A. T. F. F. P.; CASTRO, E. L. de; BARRETO, R. F. de. Inclusão no ensino superior: um desafio para a docência. **Ensino em Perspectivas**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 1-6, 2020. Disponível em: https://www.revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/4534. Acesso em: 19 ago. 2022.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CORDEIRO, K. M. de A. **O Impacto da Pandemia na Educação**: A Utilização da Tecnologia como Ferramenta de Ensino. IDAAM. 2020. Disponível em: <http://repositorio.idaam.edu.br/jspui/handle/prefix/1157>. Acesso em: 10 de junho de 2022.

CORELL-ALMUZARA, A.; LÓPEZ-BELMONTE, J.; MARÍN-MARÍN, J. A.; MORENO-GUERRERO, A. J. COVID-19 in the field of education: state of the art. Sustainability, v. 13, n. 10, p. 1-17, 2021. DOI: https://doi.org/10.3390/su13105452. Acesso em: 29 nov. 2024.

DAULAY, N. Home education for children with autism spectrum disorder during the COVID-19 pandemic: Indonesian mothers experience. Research in Developmental Disabilities, v. 114, p. 1-12, 2021. DOI: https://doi.org/10.1016/j.ridd.2021.103954. Acesso em: 29 nov. 2024.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

LAKATOS, Eva Maria. **Sociologia Geral**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MARQUES, A. S.; MARQUES, J. S. O papel da tecnologia educacional na transmissão de conhecimento na pandemia da Covid-19. **Revista Scientia Generalis**, 2021. Disponível em: http://scientiageneralis.com.br/index.php/SG/article/view/149. Acesso em: 26 abr. 2022.

MAINARDES, J. Alfabetização em tempos de pandemia. In: CORRÊA, B. da S. S. (Org.). **Políticas e práticas de alfabetização: perspectivas autorais e conceituais**. Ed 1. v. 1. Rio de Janeiro: VW Editora, 2021, p. 57-65.

MARQUES, Ana Silva; MARQUES, João Souza. O Papel da Tecnologia Educacional na Transmissão de Conhecimento na Pandemia da Covid-19. **Revista Scientia Generalis**, 2021. Disponível em: http://scientiageneralis.com.br/index.php/SG/article/view/149. Acesso em: 26 abr. 2022.

NEECE, C.; MCINTYRE, L. L.; FENNING, R. Examining the impact of COVID-19 in ethnically diverse families with young children with intellectual and developmental disabilities. Journal of Intellectual Disability Research, v. 64, n. 10, p. 739-749, 2020. DOI: https://doi.org/10.1111/jir.12769. Acesso em: 29 nov. 2024.

OLIVEIRA, FL de. Autismo e inclusão escolar: os desafios da inclusão do aluno autista. **Revista Educação Pública**, v. 20, n. 34, p. 8, 2020.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; MOTA NETO, José Carlos da. A construção de categorias de análise na pesquisa em educação. In: MARCONDES, Maria Inês; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; TEIXEIRA, Edson (Orgs.). **Abordagens teóricas e construções metodológicas na pesquisa em educação**. 22. ed. Belém: EDUEPA, 2011. p. 163-166.

SANTOS, Eduarda Cristina Albuquerque dos. **Alfabetização científica: um estudo na formação continuada de professores no programa ciência na escola no Município de Manaus**. 2018. 93 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Educação em Ciências na Amazônia) - Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2018.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 1941.

SILVA, Gabriela Oliveira; BASTOS, Pedro Miguel Costa. TEA e neurociência na aprendizagem escolar no ensino fundamental. **Revista Pubsaúde**, Ed. 5, a079, 2021. DOI: https://dx.doi.org/10.31533/pubsaude5.a079. Acesso em: 08 jun. 2022.

SILVA, E. A. da. **Alfabetização e letramento: na escola a partir de práticas libertadoras do ensino e da aprendizagem**. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 10, n. 5, p. 2567-2578, 2024.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

VIEIRA, S. de C. A. Lugar de autista é em todo lugar! [mensagem na rede social]. 2 abr. 2022. Disponível em: https://www.facebook.com/scheilla.abbud/. Acesso em: 12 jun. 2022.

VICARI, Luiza Pinheiro Leão; RAHME, Mônica Maria Farid. Escolarização de alunos com TEA: práticas educativas em uma rede pública de ensino. **Revista Educação Especial**, v. 33, p. 1-23, 2020.

APÊNDICE 1 – INFORMAÇÕES SOBRE O MANUSCRITO

AGRADECIMENTOS
Não se aplica.

FINANCIAMENTO
Não se aplica.

CONFLITOS DE INTERESSE
Não se aplica.

DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA
Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM
Não se aplica.

DIREITOS AUTORAIS
Os direitos autorais são mantidos pelos autores, os quais concedem à Revista Comunicação Universitária - os direitos exclusivos de primeira publicação. Os autores não serão remunerados pela publicação de trabalhos neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicado neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico. Os editores da Revista têm o direito de realizar ajustes textuais e de adequação às normas da publicação.

OPEN ACCESS
Este manuscrito é de acesso aberto (*Open Access*) e sem cobrança de taxas de submissão ou processamento de artigos dos autores (*Article Processing Charges – APCs*).. O acesso aberto é um amplo movimento internacional que busca conceder acesso online gratuito e aberto a informações acadêmicas, como publicações e dados. Uma publicação é definida como 'acesso aberto' quando não existem barreiras financeiras, legais ou técnicas para acessá-la - ou seja, quando qualquer pessoa pode ler, baixar, copiar, distribuir, imprimir, pesquisar ou usá-la na educação ou de qualquer outra forma dentro dos acordos legais.

LICENÇA DE USO
Licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International (CC BY-NC 4.0). Esta licença permite compartilhar, copiar, redistribuir o manuscrito em qualquer meio ou formato. Além disso, permite adaptar, remixar, transformar e construir sobre o material, desde que seja atribuído o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico.

VERIFICAÇÃO DE SIMILARIDADE
Este manuscrito foi submetido a uma verificação de similaridade utilizando o *software* de detecção de texto iThenticate da Turnitin, através do serviço *Similarity Check* da Crossref.

PUBLISHER
Centro de Ciências Sociais e Educação (CCSE). Publicação no Portal de Periódicos da Universidade do Estado do Pará. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da referida universidade.

HISTÓRICO
Submetido: 13 de outubro de 2024.
Aprovado: 10 de dezembro de 2024.
Publicado: 20 de dezembro de 2024.